

## **A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO PAPA FRANCISCO NO DISCURSO DA MÍDIA: UM PAPA DIFERENTE?**

Carlos Eduardo de Freitas Barbosa<sup>1</sup>

Este trabalho parte do projeto de Iniciação Científica, com o mesmo título, que buscou analisar o modo de constituição da figura do Papa Francisco pelo discurso da mídia, dos fiéis e do próprio Papa, explorando a sua condição de fama, assim como a sua construção heroica. Para saber como ocorrem os processos de (des)identificação com essa figura, foram analisadas, sob a perspectiva da Análise do Discurso, imagens, manchetes de reportagens e comentários de leitores (fiéis e não fiéis) que circularam na mídia e nas redes sociais acerca dos “feitos” do Papa Francisco, bem como uma entrevista com o discurso do próprio Papa. Um desses feitos é a sua declaração acerca dos homossexuais - a de que entende e aceita os homossexuais, mesmo que a igreja não aceite tal prática - considerada uma das declarações mais polêmicas dos últimos tempos na igreja. Por essa e outras declarações consideradas controversas com a doutrina da Igreja Católica, algumas abordando assuntos além da religião, o Papa Francisco foi alçado pela mídia como um herói de alcance mundial, o qual chega a ser santificado por suas ações “inovadoras”. Observamos, nas análises realizadas, que é recorrente a construção do Papa Francisco como santo-herói-revolucionário que busca acabar com as injustiças desse mundo.

Assim, considerando a grande repercussão que as ações do Papa Francisco tem produzido na mídia, é que este trabalho pretende analisar o modo de constituição da figura do Papa Francisco pelo discurso da mídia, dos fiéis e do próprio papa. Para tanto, partimos de alguns questionamentos: A fama e notoriedade do Papa Francisco o aproximam da figura de um herói? Que imagem do Papa Francisco vem sendo construída pelo discurso da mídia? E pelo discurso do

---

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Letras/Bacharelado – CAC – UFPE; bolsista do CNPq; E-mail: carlos\_cadueduardo@hotmail.com.

próprio Papa? As pessoas de um modo geral e, mais especificamente, os fiéis da Igreja Católica se identificam com essa imagem construída ao/pelo Papa? Como? Para buscar responder a tais questionamentos e observar como funcionam os discursos que constroem a imagem de herói do Papa Francisco, adotamos como referencial teórico a Análise do Discurso, para a qual o sujeito é determinado sócio-historicamente e mantém uma relação intrínseca com o discurso e a produção de sentidos.

Portanto, o sujeito aqui é tratado como o sujeito do discurso, o qual é interpelado pela ideologia e determinado pelas condições histórico-sociais. A Análise de Discurso vai de encontro a outras teorias da linguística, uma vez que partilha da ideia da língua como um sistema sujeito a falhas, pensando a construção do sujeito e sentido através da ideologia.

Tal construção se dá pelo discurso, definido por Pêcheux (1969) como “efeito de sentido entre locutores”. As condições de produção, outra noção introduzida por Pêcheux, apontam para o fato de que “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos” (1997, p.82). Desta maneira, os lugares ocupados pelos sujeitos na formação social determinam suas inserções no processo discursivo, visto que nem o sujeito nem o sentido estão completos, feitos e constituídos definitivamente.

Em 1975, Pêcheux, juntamente com Fuchs, apresenta o quadro epistemológico da Análise do Discurso (AD), havendo uma atualização dos conceitos previamente definidos por Pêcheux em 1969. São apresentadas, no texto *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas*, as três regiões do conhecimento sobre as quais se estrutura a AD: o materialismo histórico de Althusser, a linguística e a teoria do discurso propriamente dita, sendo todas essas três regiões perpassadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. As *condições de produção* e sua relação com as *formações ideológicas* são também aí expostas: “toda formação discursiva deriva de condições de produção” (PECHEUX & FUCHS, 1997, p. 167).

Nessa obra, os autores (PÊCHEUX & FUCHS, 1975) apresentam também as noções de esquecimento nº 1 e 2, sendo o de nº 1 o que consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social. Já, no esquecimento nº2, o sujeito assujeitado acredita que é o dono do seu dizer, controlando-o. Orlandi (2012) lembra que o esquecimento nº 2 é o “esquecimento enunciativo”, da ordem do pré-consciente, consciente, determinando se dizemos algo de uma maneira e não de outra; já, o esquecimento nº 01 é da ordem do inconsciente, é o chamado “esquecimento ideológico”, que resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Os sujeitos, segundo a autora, “esquecem” o que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que os sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (ORLANDI, 2013).

Seguindo essa esteira de reflexão, as formações discursivas a que os sujeitos estão assujeitados correspondem a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos, representando assim um modo de se relacionar com a ideologia vigente, *regulando o que deve ou não ser dito*, conforme Pêcheux (1975). Desta maneira, Pêcheux vai mostrar que existem “três” modalidades que caracterizam o discurso do sujeito. A primeira é a da superposição que ocorre entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da FD, revelando uma identificação plena do sujeito enunciator com a forma-sujeito da FD que o afeta, resultando no discurso do bom sujeito. A segunda modalidade reflete o discurso do mau sujeito, ocorrendo uma separação, distanciamento em relação aos saberes da forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta. E a terceira modalidade consiste no processo de desidentificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta, o que produz o processo de ruptura com essa FD e, por sua vez, a conseqüente identificação com outra FD. Observamos então que o sujeito, para Pêcheux, é um lugar determinado na

estrutura social. Por isso, este sujeito não está na origem do dizer, pois ele é duplamente afetado: dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia.

Em sua reflexão, Indursky (2008) relaciona a fragmentação da forma-sujeito - o sujeito bom e mau -, a formação discursiva e as tomadas de posição à noção de sujeito,, ou seja, “o ponto de vista do sujeito” (INDURSKY, 2008, p. 31). Em outro texto, relacionando o sujeito ao funcionamento da repetição, a autora afirma que “se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. ” (INDURSKY, 2011, p. 71). A repetição pode levar o sujeito do discurso a uma resignificação. E isso ocorre, pois o sujeito do discurso pode desidentificar-se com alguns saberes e se identificar com outros. Mas essa repetição de sentidos não se dá fora da ideologia, uma vez que, quando o sujeito produz uma resignificação em seu discurso, a ideologia que determina a sua inscrição em uma determinada formação discursiva não deixa de funcionar. Mesmo ao desidentificar-se com uma FD, produzindo ruptura dos sentidos, o sujeito continua assujeitado, agora aos saberes de nova formação discursiva em que passa a inscrever o seu discurso.

Ao falar sobre ideologia, Orlandi (2011, p. 53) discorre:

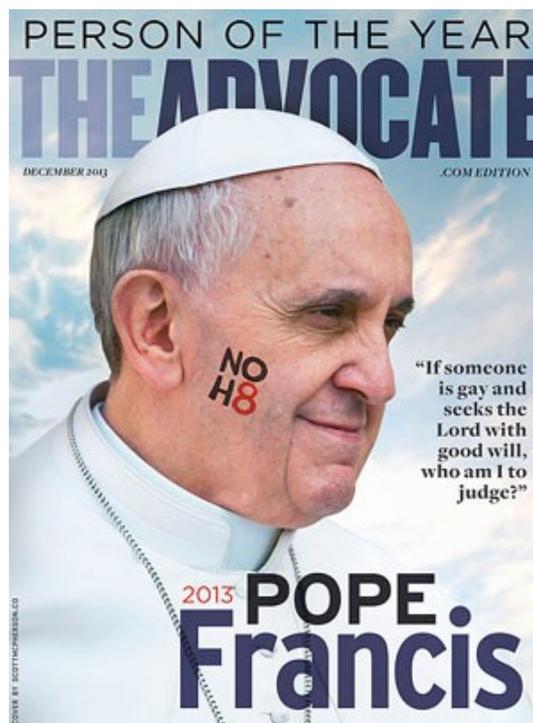
não podemos, por outro lado, pensar a teoria da interpelação sem referir a ideologia dominante. Tratamos assim da relação língua-discurso-ideologia na implicação de uma região histórica particular que define essa relação. Assim, trata-se de refletir sobre a relação interpelação/assujeitamento, de um lado, e, de outro, a alienação como parte dessa relação. Ou seja, ao mesmo tempo que relacionamos assujeitamento e alienação os distinguimos.

Estamos diante, portanto, como já nos dizia Pêcheux (1975) do confronto do simbólico com o político, o qual está presente em todo e qualquer discurso, já que não há sujeito, nem sentido que não seja dividido.

Então, como podemos ver, discurso, sujeito e ideologia constituem-se mutuamente, sendo a ideia de unicidade conflitante, já que muitos saberes, muitas vozes atravessam o discurso de todo e qualquer sujeito, mesmo que ele não se dê conta disso, o que pode interferir no processo de identificação do sujeito. O discurso,

sendo atravessado por falhas e furos, é incompleto. E essa incompletude pode produzir a resistência dos sujeitos, a qual pode levar a desidentificação com a FD de origem.

Partindo dessa discussão teórica, elegemos uma Sequência Discursiva para exemplificarmos esse funcionamento do discurso sobre o Papa Francisco na mídia. Vejamos:



SD1:

Essa SD é constituída pela capa da revista norte americana *The Advocate*, revista que é direcionada para o público gay. Nessa capa, vemos a imagem do papa Francisco com a seguinte manchete “PERSON OF THE YEAR”, ou *personalidade do ano*. Em menor destaque, temos uma citação da fala do papa “if someone is gay and seeks the lord with good will, who am I to judge?”<sup>2</sup>, a qual viria justificar o título de personalidade do ano de 2013. Para analisar como acontece a construção ou não do “herói” na figura papal, é importante apontar que tal capa usa a ideia de que “uma imagem vale mais que mil palavras”, buscando assim o menor número de textos possíveis. Fazendo uso de diferentes materialidades, temos primeiramente o uso do

---

<sup>2</sup> Em livre tradução: “se alguém é gay e busca o senhor com boa vontade, quem sou eu para julgar?”

não-verbal, a figura do papa em suas brancas vestes, em que o não-verbal busca trazer uma “verdade absoluta”: a de que o papa não seria apenas um homem, mas um “herói santificado”. A construção da imagem, vestes brancas, sorriso no rosto, fundo de um céu com nuvens, todos esses elementos remetem, pelo viés da memória, a imagens sacras, geralmente com leves vestimentas e fundos límpidos.

A memória aqui traz não somente a parte sacra, mas também uma historicidade necessária para a identificação dos leitores da revista com o Papa, afinal, nenhum papa anterior foi tão “transparente” e aberto a questões consideradas tabus na igreja católica. Recortando então uma parte de seu discurso, a revista busca, através da fala destacada do papa, produzir o efeito de sentido de que o papa é pró diretos gays; sentido esse que é retomado através do símbolo “NOH8”, No Hate, ou sem ódio – símbolo da campanha pró casamento gay que usa famosos, com a boca coberta de fita, para fazer um “protesto silencioso”. Constrói-se, assim, para os leitores dessa revista, que é fundamentalmente o público gay, uma imagem do Papa Francisco como um herói que defende a causa gay, que deixa estampar em seu rosto o símbolo dessa causa. Por isso, o merecido título de personalidade do ano. Com isso, produz-se a identificação desse público com a figura do Papa. No entanto, é bom ressaltar que o discurso que a revista atribui ao papa não chega a ser uma ruptura com a ideologia dominante da Igreja Católica, nem que essa declaração do Papa Francisco signifique mudança nos dogmas da Igreja Católica. Por trás do rosto alegre, com a causa gay nele impressa, observamos as vestes tradicionais do Papa, além da imagem do céu como fundo. Ou seja, não há uma ruptura, no discurso do Papa Francisco, com os dogmas da Igreja Católica, já que ele ocupa o cargo mais alto dessa instituição. O que há são deslizamentos de sentido, na busca para expandir o alcance da igreja. Nesse sentido, a figura do Papa tem uma atuação político-ideológica, a qual serve de exemplo para milhares de pessoas, mas nunca apagando a ideologia do Catolicismo, que é de onde ele enuncia. Ou seja, cria-se uma identidade para ele – a de “herói” que rompe com os dogmas da Igreja – mas não é com essa identidade que, necessariamente, ele se (re)significa, identifica.

## **ALGUNS APONTAMENTOS PARA EFEITO DE CONCLUSÃO**

Pesquisar sobre a constituição do herói pela mídia nos fez observar que o discurso midiático produz sentido pelo viés da memória discursiva e, pela repetição, faz funcionar o efeito ideológico de um sentido único. Neste caso, a representação do Papa Francisco como um santo-herói-revolucionário.

No entanto, toda a ação do Papa em quebrar com os ideais da igreja se constitui de um deslizamento de sentidos. Como a igreja não consegue envolver todas as classes e pessoas em seu discurso e sua doutrina, Francisco aproveita essas faltas para alcançar o maior número de pessoas possível com o seu discurso, o que faz com que ele use das brechas deixadas pela igreja para chegar aos pobres e os gays. Sua imagem é retratada como de um herói que veio salvar o mundo e, através de suas ações, ele é quase santificado. Seus atos são carregados de “poder” e seus feitos retratados como inovadores. Com tamanha exposição na mídia, o Papa Francisco conseguiu despertar uma enorme empatia com os fiéis da Igreja Católica e com pessoas de outras religiões. Trouxe, assim, possivelmente, de volta fiéis perdidos, bem como arrebanhou novos fiéis, dando novos ares à Igreja Católica, algo que há muito tempo não acontecia. Essa construção se assemelha ao que Indursky (2013) explica sobre a repetição e como essa cristaliza um sentido. Para a autora, os discursos que circulam, são retomados e repetidos cristalizam UM sentido, o que, no caso do Papa Francisco, seria possível através da grande exposição das matérias referentes a ele, as quais, quando retomadas e repetidas, sedimentam sua imagem inovadora perante a Igreja. Dessa maneira, a figura de santo-herói do Papa se cristaliza através da retomada de seu discurso na repetibilidade e reprodução das notícias na mídia.

Assim, chegamos à conclusão de que a ascensão do herói se constitui por ordem da (re)produção de um imaginário que os outros fazem em relação a um determinado sujeito, seja este um bom ou mau sujeito. Francisco se consagra quase que completamente como um herói aos olhos dos fiéis e das demais pessoas pelas quais ele se propõe a lutar. Quase todas as suas representações que observamos durante nossa pesquisa se constroem sobre as suas ações em defesa de todas as classes de cidadãos. Ainda que o próprio ache ofensivo ser retratado como um

santo-herói, ele impressiona por sua simplicidade e sua opinião em determinados assuntos, algo até então inédito entre os Papas.

## REFERÊNCIAS

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9 - 33.

\_\_\_\_\_. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F., MITTMAN, S. e FERREIRA, M.C.L. (Orgs.) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas –SP: Mercado das Letras, 2011, p. 67-89.

ORLANDI, E.P. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. *Discurso, Espaço e Memória: Caminhos da Identidade no Sul de Minas*: Campinas, Editora RG, 2011.

PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET & HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. (1969). Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux. In: GADET & HAK (Orgs) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

[http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf) acessado em: 03/09/2015